

Ocupar e Resistir: uma reflexão arqueológica sobre as intervenções gráficas na Fafich - UFMG pós-ocupações

Lara de Paula Passos

Graduanda em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Contato:

larappassos@hotmail.com

Matheus Mota

Graduando em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Contato:

motammatheus@gmail.com

Palavras-chaves:

Arqueologia. Pixação. Contexto. Ocupações.

Keywords:

Archaeology. Graffiti. Context. Occupations.

Resumo: As intervenções observadas após a ocupação do prédio da FAFICH no período de novembro de 2016 a janeiro de 2017 tiveram diversas características, podendo ser lidas a partir de distintos parâmetros. Tendo como ponto de partida uma observação pelo viés arqueológico, analisamos os aspectos que nos foram mais chamativos e procuramos entender as relações entre a espacialidade e as mensagens passadas pelas intervenções.

Abstract: *The interventions observed after the occupation of the FAFICH building in the period from November 2016 to January 2017 had several characteristics and can be read from different parameters. Starting from an observation by the archaeological bias, we analyze the aspects that were most striking to us and try to understand the relations between spatiality and the messages passed by the interventions.*

A partir de um começo

A ciência pode ser vista como um fator importante de mudança social e histórica, que influencia diretamente na vida cotidiana das pessoas. Maria das Graças Targino (TARGINO, 2000, p.02) postula que:

“A ciência [é] uma instituição social, dinâmica, contínua, cumulativa. Em tal perspectiva, sem pretensões históricas, infere-se que a ciência influencia há séculos a humanidade, criando e alterando convicções, modificando hábitos, gerando leis, provocando acontecimentos, ampliando de forma permanente e contínua as fronteiras do conhecimento”.

A Universidade (aonde matura-se a ciência), por sua vez, pode ser entendida como um espaço duplo, de produção de conhecimento e, ao mesmo tempo, de disputas políticas e simbólicas, que perpassam pelas repressões e resistências ao cânone do pensamento hegemônico. Essas disputas ocorrem em seu cotidiano e se retroalimentam conforme as mudanças na dinâmica interna e externa aos portões de entrada. Assim como toda atividade humana, elas também deixam marcas, visíveis ou discretas, no espaço em que ocorrem, passando mensagens àqueles que entram em contato com elas e deixando mudanças conforme se alteram os percursos homeostáticos da vida na Academia.

Tendo em vista essas questões, observamos e analisamos algumas das intervenções gráficas (pixo e grafite¹) realizadas durante um dos períodos de disputa política direta ocorrido recentemente e incluso no contexto nacional das Universidades públicas do país: a ocupação dos estudantes da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em defesa da educação pública contra a PEC 241 (ou PEC 55), ocorridas no prédio do campus, no período de novembro de 2016 a janeiro de 2017.

As ocupações instauraram uma nova temporalidade e espacialidade na existência dos prédios. Mudaram as paisagens, as quais, “ao se tornarem referências de tempo-espaço para ações e experiências compartilhadas, por sua vez realimentam o processo

histórico” (ARANTES, 2000, p.84). Marcaram de forma incisiva (e por vezes, literal) o percurso histórico da UFMG e da FAFICH, como demonstramos em alguns exemplos ao longo do texto. O tempo foi, também, fundamental para a produção deste ensaio, que se relaciona diretamente com as épocas anteriores, presentes, e seguintes à ocupação do prédio. Trata-se, portanto, de uma etnoarqueologia torta, em alguma medida, que considera que:

“A temporalidade é elemento basilar de inteligibilidade, seja discursiva ou constitutiva da própria experiência de campo, e é uma dimensão tal que, no relato etnográfico, uma nota metodológica não a explica inteiramente; é preciso reconhecê-lo” (BRITO, 2016, p.30).

É importante destacar que o texto a seguir não é uma tentativa de produzir uma explicação exaustiva acerca dos grafismos da FAFICH ou dos processos pelos quais esses vieram a existir. Esse texto é um ensaio que tenta compilar nossas experiências antes, durante e depois da ocupação do prédio. As ideias contidas aqui são, em suma, a documentação de um aspecto das ocupações filtrado pelo olhar viciado de uma arqueóloga e um arqueólogo, e embasados em pesquisas anteriores sobre o mesmo tema. cremos que esse texto é uma tentativa de deslocar o lugar das coisas que podem ser vistas enquanto arqueológicas por meio de uma aproximação do nosso contato diário com a materialidade do prédio com as ideias apresentadas para nós em nosso processo de formação. Essa aproximação faz com que a arqueologia possa cumprir um papel mais marcante, e até terapêutico, em nossos modos de lidar com as situações de conflito e violência (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2008).

Os dados apresentados no corpo do texto são majoritariamente fruto de um levantamento dos grafismos produzido durante a disciplina Arqueologia e Comunicação, ministrada pela professora Mariana Petry Cabral em 2016, enquanto uma optativa da graduação de Antropologia (UFMG). Outra porção desses dados veio de nossas experiências nas ocupações e de conversas com colegas que participaram nesse processo. Por essa razão, é difícil apontar para um tipo específico de metodologia. Baseamo-nos tangencialmente nas premissas adotadas por Andrei

1 O Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa define que pichar é “escrever ou rabiscar dizeres de qualquer espécie em muros, paredes ou fachadas de qualquer espécie”. Concordamos em utilizar o termo com “x” por compartilharmos do entendimento dos pixadores de manter a própria palavra como transgressão, como cita também o autor Alexandre Barbosa Pereira em sua dissertação: “pixação, com “x”, e não com “ch”, conforme rege a ortografia oficial, para respeitar o modo como os pixadores escrevem o termo que designa sua prática. [...] “Pixar” seria diferente de “pichar”, pois este último termo designaria qualquer intervenção escrita na paisagem urbana, enquanto o primeiro remetia às práticas desses jovens que deixam inscrições grafadas de forma estilizada no espaço urbano (PEREIRA, 2010, p.143). Já o grafite é visto como uma prática artística urbana que envolve mais técnicas (como stêncil e pintura com rolo) e imagens. O grafite muitas vezes é legalizado e financiado, enquanto o pixo, a priori, é um ato ilegal e de transgressão.

Isnardis Horta, arqueólogo e pesquisador da UFMG, em seu trabalho sobre pichações em Belo Horizonte, feito anteriormente:

“A ocupação das cidades brasileiras pelos incontáveis grafismos dos grupos de pichadores sinaliza a presença de toda uma comunidade marginal com suas relações, normas de conduta e bens simbólicos próprios. Tomadas como vestígios arqueológicos dessa comunidade de grupos de pichadores, as próprias pichações são reveladoras de diversos aspectos da rede de relações que as produzem. [...] Os locais de ocorrência, o modo de ocupação dos suportes, os estilos e as normas de grafia são examinados como reveladores dos territórios, das normas de conduta, do jogo de relações entre indivíduos e grupos” (ISNARDIS, 1997, p.143)

Paredes que falam: uma breve análise de discurso e mensagem

As intervenções configuram um todo complexo e diversificado de práticas simbólicas e significações, possuindo também peculiaridades em suas formas de sociabilidade (CARVALHO, 2013), e apresentam características variadas, podendo ser classificadas a partir de diversos parâmetros. Para facilitar o processo de análise dividimos os grafismos, a partir de um levantamento do prédio, em quatro grandes categorias: por andar, por superfície, por técnica e por mensagem. Essas categorias nos ajudaram a organizar a grande quantidade de intervenções e relacioná-las com diferentes práticas e públicos do prédio.

ANDAR	SUPERFÍCIE	MATERIAL	MENSAGEM
Primeiro	Chão, parede, biombo,	Giz	Recados diretos,
Segundo	sofás, caixa de extintor,	Guache	Palavras de ordem
Terceiro	vigas, portas, janelas, caixa eletrônico	Tinta spray	Assinaturas
Quarto		Colagem	Pixo, Grafite

A divisão, grosso modo, dos andares em relação às pichações foi percebida com base na observação do espaço e em informações prévias sobre a disposição da ocupação, e possuem características específicas de cada ambientação. Ou seja, as intervenções encontradas nas áreas de convivência são diferentes daquelas que estão próximas aos gabinetes dos professores.

Ao observar os grafismos em relação ao seu suporte percebemos a implantação dos mesmos nas paredes, no chão, em bimbos, sofás, extintor, vigas, portas, janelas e caixa eletrônico. A maior diversidade de grafismos se encontra nas paredes, até então brancas e ocupadas por alguns grafites fruto de um edital realizado pela direção. As intervenções realizadas em sofás, extintor, portas, janelas e caixa eletrônico possuem uma menor visibilidade e são dominados por pixos de tags e mensagens pouco explícitas.

A heterogeneidade da ocupação e de seus e suas ocupantes permitiu uma variabilidade imensa de impressões na paisagem que, além de variar de tipo de suporte, técnica e temática, se difere também conforme os espaços. Assim, é possível entender que não houve uma única ocupação, mas diversas ocupações dentro das ocupações da UFMG.

O silêncio ao pé da montanha

Entrando no prédio, no primeiro andar, já é possível perceber a presença de tímidas manifestações nas paredes, nos corredores, nas escadas de acesso. Tratam-se, no entanto, de intervenções feitas no período anterior à ocupação estudantil. O térreo, portanto, do ponto de vista pós-ocupacional, não possui muitas intervenções, possivelmente devido às barreiras que restringiam o acesso livre pelos corredores e pela quantidade menor de suportes disponíveis nesse andar. Parece-nos que a baixa concentração de grafismos se deu também por um reflexo, ou uma continuidade simbólica de seu uso anterior, posto que esse andar é aquele que possui o menor número de salas de aula e é caracterizado pela sua função de trânsito, sendo pouco usado pelos alunos do prédio em dias normais. Sabemos² também, que não foram estabelecidos dormitórios e nem espaços de convivência propriamente ditos neste andar, e que durante as ocupações a porta do prédio foi fechada após alguns dias e a entrada movida para a Escola de Ciência da Informação (ECI). Dessa forma, o espaço do primeiro andar nos pareceu pouco utilizado durante o processo, culminando numa falta de intervenções gráficas.

Litochoro: Onde habitam os mortais

O segundo e terceiro andares possuem praças de convivência amplamente utilizadas antes e durante as ocupações pelos alunos do prédio. São nesses andares que os estudantes se reúnem nos intervalos, assembleias são realizadas e a maioria das atividades fora de sala de aula acontece. Esses andares também possuem a maioria das salas e centros acadêmicos. O uso contínuo e intenso refletiu-se nas superfícies da construção, pois são os andares que apresentam maior concentração de intervenções, com maior utilização de cores e técnicas/materiais diferentes e um amplo uso das superfícies.

O segundo andar era o local onde se localizava a maior área de convivência, a cozinha e as mesas de distribuição de comida. É possível perceber os resquícios de atividades alimentícias no andar – como listas de compras nos tapumes e indicativos nas mesas de café (que também se relacionam com o uso anterior à ocupação, tendo em vista que no segundo andar funciona em dias letivos, a cantina do prédio). O terceiro andar era sede das áreas de dormitório, o centro de convivência Negra³ e o *hall* de convivência onde mais ocorriam reuniões e assembleias gerais.

Caracterizados pela maior concentração de alunos durante a ocupação do prédio, o segundo e terceiro andares foram extremamente alterados contendo intervenções em giz, guache, *spray* e colagens.

² A partir da participação direta nas ocupações e também da consulta a outras e outros estudantes que ocuparam o prédio.

³ O Centro de Convivência Negra foi estruturado durante o período das ocupações encabeçado pelo coletivo negro Maloka, que ocupou a antiga sede do Diretório Acadêmico da FAFICH, à época fechado havia quase um ano. Essa ação foi chamada de “Ocupação Preta” pelos membros do coletivo, e ocorreu paralelamente às ocupações dos demais prédios contra a PEC 241, mas reivindicando especificamente pautas negras dentro e fora da universidade. O espaço recebe atividades como estudos gratuitos e afrocentrados de línguas, aulas de capoeira e oficinas de produções artesanais.

A extensa variação das temáticas de mensagens grafadas e estilos de intervenção não nos transmitiu uma ideia de temática geral ou central, como percebemos no quarto andar, mas de micro contextos coexistentes. Chamou-nos atenção o cuidado muitas vezes tido com os detalhes que imprimem aos leitores e leitoras das mensagens, impressões diversas.

As diferentes formas de se desenhar o que nos pareceu ser o mesmo símbolo (ou a mesma temática) da Fig.1 pode indicar a participação de mais de uma pessoa envolvidas no processo bem como épocas diferentes de produção. Apesar das diferenças no traço e na técnica, as figuras compartilham diversas características como a forma arredondada, o lábio inferior ou as marcas de expressão na testa.

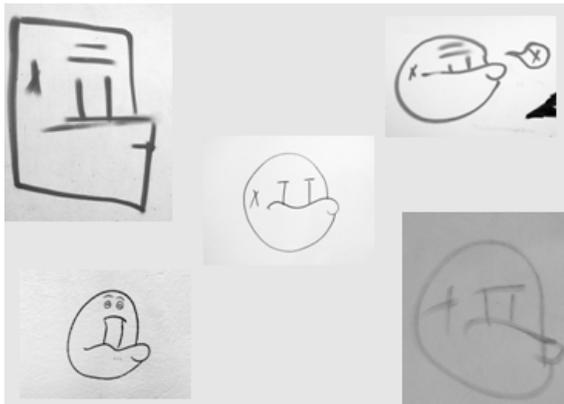


Figura 1 - Rostos (Foto por Edno Marques)

A Fig.2 apresenta uma inscrição de giz sobre um tapume de madeira referente à disposição espacial no período ocupacional. É perceptível que a mensagem se relaciona diretamente com a posição na qual se encontra no prédio (a seta indicativa dizia qual corredor não deveria ser ultrapassado, que era também o local onde se encontravam as barracas e colchões do dormitório dos estudantes ocupantes). O suporte também parece ter sido escolhido levando em conta suas funcionalidades: por se tratar de um tapume móvel, poderia ser realocado conforme as necessidades. O giz removível parece seguir a mesma lógica, e permitir alterações na mensagem de acordo com o interesse dos locutores.

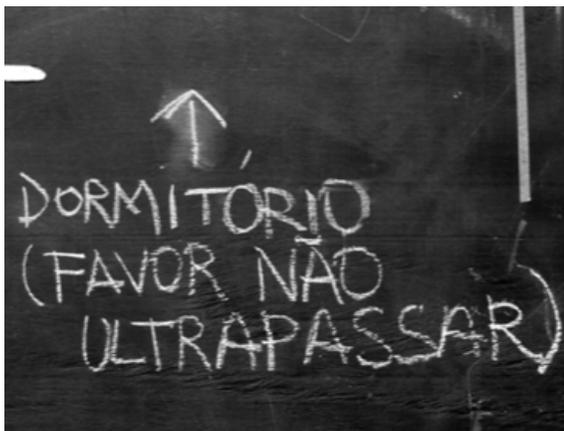


Figura 2 - Giz Sobre Tapume (Foto por Edno Marques)

As paredes possuem diversas mensagens vinculadas a movimentos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais) como "Bixa Afeminada" (Fig.4) e



Figura 3 - Girl Power (Foto por Edno Marques)



Figura 4 - Bixa Afeminada (Foto por Edno Marques)



Figura 5 - Vã de Bike (Foto por Edno Marques).

grafismos vinculados a feminismo como "Girl Power"

Nas paredes também se encontram palavras de ordem e representações pictóricas com mensagens

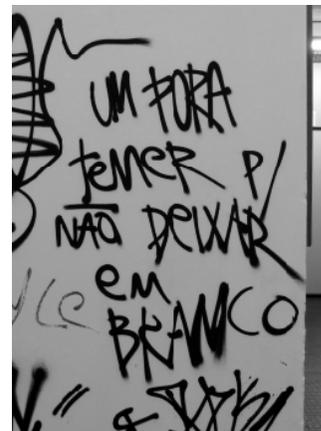


Figura 6 - Não deixar em branco (Foto por Edno Marques)

políticas relacionadas ao período político do Brasil na época (Fig.5 e 6). A Fig.6 apresenta em sua mensagem jogo com estado do suporte antes da intervenção, a parede que era branca e vazia de sentido foi transformada pela ação do(a) ocupante. A Fig.7, com a co-



Figura 7 - Placa (Foto por Edno Marques)



Figura 8 - Secundaristas (Foto por Edno Marques)

lagem “Praça Elza Soares – Ocupa Fafich e ECI” é particular tanto no sentido técnico (uma colagem em meio a pixações e grafites) quanto em seu caráter simbólico. Por meio dessa placa o hall se tornou, durante o período das ocupações, Praça Elza Soares. A princípio, a transformação é apenas uma mudança de nome. Porém, podemos entender que a placa indica uma nova forma de enxergar a FAFICH. Por meio da placa o prédio se torna uma cidade, com áreas residenciais e um centro com circulação intensa de pessoas (a cozinha). Essa transformação de prédio em cidade não é só uma mudança de mapeamento do espaço, é também uma negação do distanciamento da Universidade, e do campus como um todo, do restante da cidade e de suas problemáticas. Essas maneiras de ocupar e transmutar o prédio em cidade podem ser vistas como uma forma de assegurar o aparecimento na esfera pública (cf. BUTLER, 2015) tanto das problemáticas quanto das próprias pessoas e seus corpos.

A Fig.8 mostra uma outra dimensão das ocupações. Apesar de fechado, o prédio não estava isolado no campus e os interesses que moviam a ocupação eram compartilhados pelos outros prédios ocupados bem como pelas escolas ocupadas em Belo Horizonte e na região metropolitana. Vários ocupantes participaram das intervenções nas escolas da rede pública e fizeram parte de uma ampla rede de colaboração que mantinha o movimento funcionando.

O segundo e terceiro andares contêm a maior quantidade de grafismos e a maior variedade de tipos e mensagens. Para nós, essa diversidade gráfica é um reflexo da heterogeneidade das pessoas e identidades que compunham a ocupação. Dessa maneira,

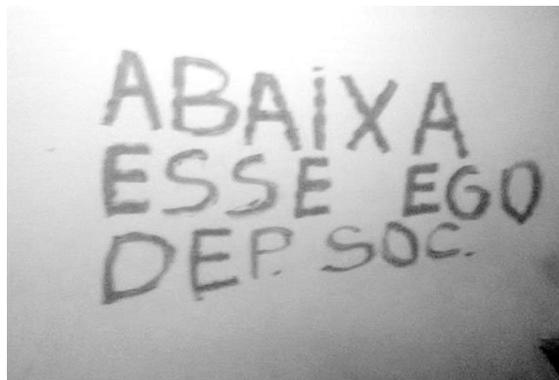


Figura 9 - Recados diretos (Foto por Edno Marques)

as paredes aparentemente caóticas mostram o poder das alianças construídas dentro do prédio para que os corpos ali presentes pudessem resistir.

Monte O-limpo: A relação entre os usos e os espaços

O quarto andar é o local onde se encontram os gabinetes dos professores, as salas dos colegas

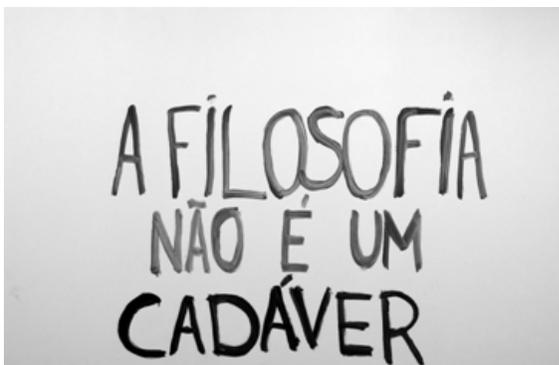


Figura 10 - Recados diretos (Foto por Edno Marques)

e das pós-graduações e os espaços técnico-administrativos do prédio. Assim sendo, é um ambiente comumente esvaziado da presença de alunos durante

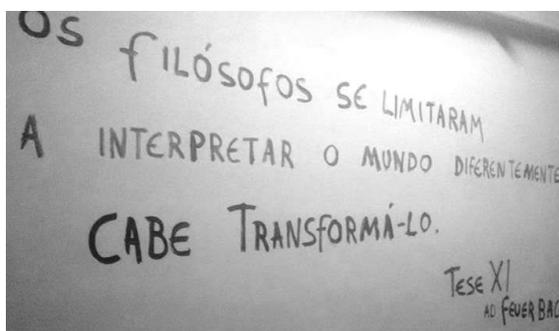


Figura 11 - Recados Diretos (Foto por Edno Marques)

o período regular de aulas e esse padrão se manteve também durante as ocupações. A hierarquia social estabelecida entre professores e alunos (os primeiros acima dos segundos) é reproduzida pela arquitetura do prédio, onde os espaços destinados aos professores são na parte mais alta, apartados das áreas de convívio comum, destinadas aos demais agentes que compõem o ambiente da FAFICH.

4 É importante lembrar que “o grafite é entendido como arte enquanto ela [a pixação] é considerada sujeira e poluição visual – e, por outros, como um estágio inferior do grafite, que seria o patamar mais alto dessa forma de expressão” (PEREIRA, 2010, p.148). Está dada, pois, a hierarquia entre uma prática e outra no prédio como um todo.

5 Segue aqui uma elucubração: pensando o projeto de grafite como uma prática higienista disfarçada de “revitalização”, e que, portanto serviria esta para colibir a prática do pixo, histórica no prédio nos andares mais baixos, a produção de grafites no quarto andar se mostra realmente desnecessária, uma vez que os pixos nunca alcançam os corredores mais altos.

Sendo mais diretos: não são necessários mecanismos de coerção em ambientes que são, a priori, coercitivos. Isso demonstra que a função dos grafites não é “revitalizar” os ambientes, mas condicioná-los a uma estética específica.

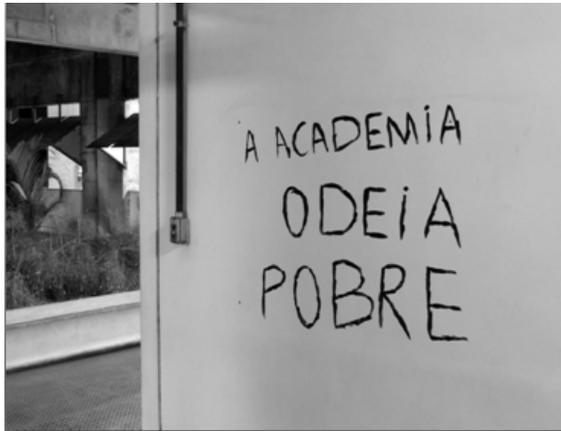


Figura 12 - Recado geral (Foto por Edno Marques)



Figura 17 - Monte Olimpo (Foto por Edno Marques)

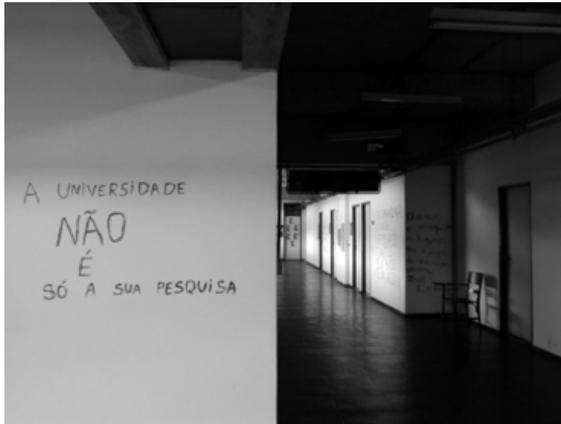


Figura 13 - Recado geral (Foto por Edno Marques)

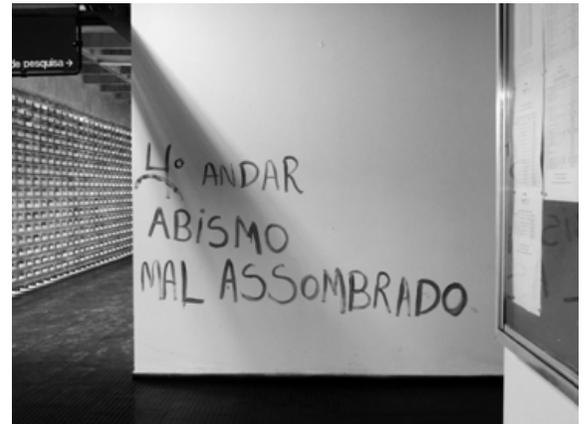


Figura 18 - Abismo (Foto por Edno Marques)

Ao contrário dos demais andares, que receberam grafites⁴ a partir do *Edital para Seleção de Projetos em Artes Visuais*, organizado pela diretoria da FAFICH, o quarto andar permaneceu intacto, com suas

paredes brancas contrastando com os desenhos coloridos que não passam da altura das escadarias de acesso⁵.

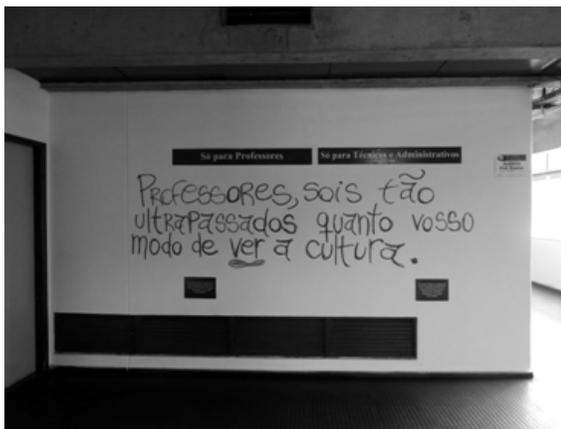


Figura 14 - Recado aos professores (Foto por Edno Marques)

Por manter suas atividades até bem próximo do período de recesso do natal, o quarto andar manteve também sua branquitude imaculada por mais tempo, sendo suas intervenções as mais recentes do prédio, todas posteriores ao período de funcionamento dos gabinetes e colegiados. Houve, portanto, uma temporalidade condicionada no que diz respeito à ocupação do local. As pessoas que fizeram as intervenções esperaram (se propositalmente ou circunstancialmente — não somos aptos a afirmar) o esvaziamento do andar para alterar o espaço. A maioria das mensagens pixadas também segue um padrão, o de alusão direta não às pautas da ocupação em si, mas ao sistema de ensino vigente. São os chamados “recados diretos”, que apontam a hierarquia acadêmica e suas nuances opressivas. Há também diversos desenhos

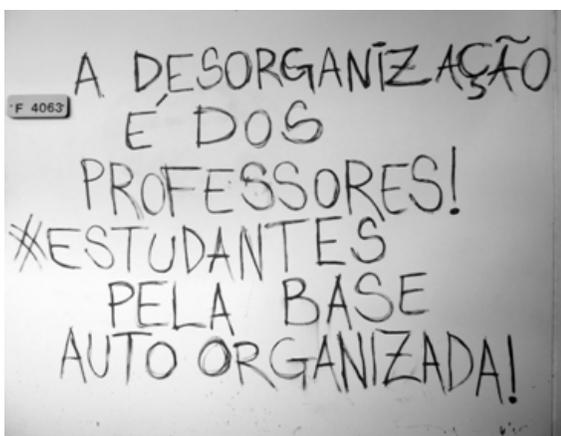


Figura 15 - Recado aos professores (Foto por Edno Marques)



Figura 18 - Livre Preso (Foto por Edno Marques)

e 'mosaicos' de guache. Neste andar percebemos algumas manifestações líricas que pareciam jogar com os suportes, como uma tentativa de descontração do ambiente. Considerando todos os apontamentos anteriores, faremos aqui uma breve apresentação se-



Figura 19 - Vida Louca (Foto por Edno Marques)



Figura 20 - Sejam realistas (Foto por Edno Marques)

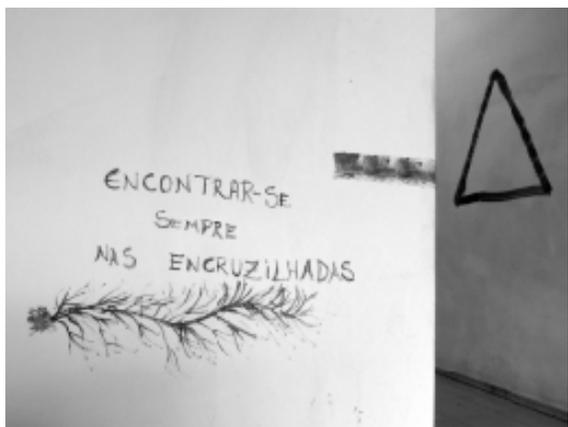


Figura 21 - Mensagem Geral (Foto por Edno Marques)

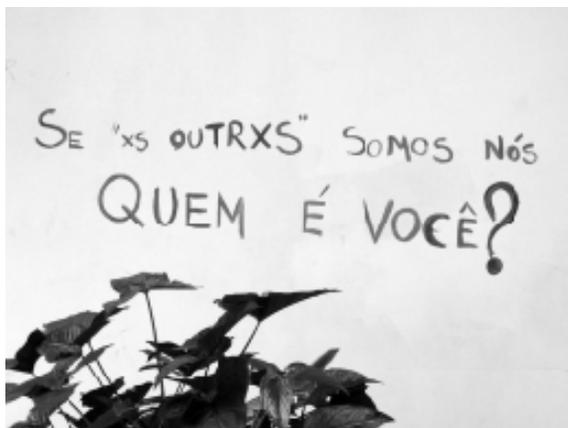


Figura 22 - Quem é você? (Foto por Edno Marques)



Figura 23 - Mãos (Foto por Edno Marques)

guida de apontamentos de alguns dos grafismos do quarto andar.

Estes três primeiros pixos apresentam mensagens diretas a departamentos específicos (Filosofia e Sociologia). Percebemos uma relação entre a mensagem e a superfície, pois estes se encontram nos corredores de seus respectivos gabinetes. É possível pensar que houve um interesse da parte do emissor que a mensagem fosse vista não somente por quaisquer interlocutores, mas principalmente por aqueles aos quais a mensagem se referia (os componentes dos departamentos de Filosofia e Sociologia). Todas foram feitas com tinta guache, e as que se referem ao mesmo departamento possuem as mesmas cores.

Este conjunto de mensagens foi percebido como apontamentos gerais que poderiam ser estendidos a todos os cursos. São feitas críticas à academia e ao comportamento dos professores. Os locais onde cada uma delas se encontra são áreas mais comuns do quarto andar, próximo aos banheiros e ao auditório. É interessante perceber, na última foto, o contraste feito entre a estrutura prévia e a pichação, que foi – creio eu, não aleatoriamente – colocada em um espaço, indicado por placa, que seria destinado a uso exclusivo de professores e técnicos administrativos. A localização além da mensagem, portanto, já possui a conotação transgressora de questionamento à lógica organizacional imposta.

Essas duas pichações remetem diretamente ao espaço do quarto andar, criticando, cada uma a sua maneira, a forma como ocorreu a disposição do prédio. Descrever o quarto andar como "abismo mal assombrado" procede enquanto o lugar mais alto e menos populoso do prédio, e chamá-lo de "Monte Olimpo" (a pichação é a primeira coisa que se vê ao subir pela escada principal), fazendo referência à morada dos deuses gregos, aparenta ser um paralelo com a alta posição dos professores doutores e o espaço diferenciado que estes ocupam no prédio. É importante frisar também que o "Monte Olimpo" é o único dentre os grafismos selecionados a ser feito com tinta *spray*, que possui maior durabilidade que a tinta guache.

A pichação da Fig.18 nos foi percebida como uma crítica social sutil, mas contundente. A relação feita entre as palavras e os materiais utilizados para escrevê-las salta aos nossos olhos, na qual o "livre" é escrito de branco em giz (que passa, some, limpa) e o "preso" é preto, com caneta permanente (que fica, se mantém, permanece sujo). É possível interpretar a pichação como uma alegoria para o sistema judiciário

do Brasil, que atua com diferentes justiças (pautadas em racismos e "classismos") para as diferentes parcelas da população. Também podemos aproximá-la da realidade universitária, com a branquitude soberana das paredes e dos frequentadores desses espaços, com livre acesso e possibilidade de ascensão, enquanto aos corpos negros que ocupam estes espaços, são dadas opções limitadas, circunscritas aos andares mais baixos, às atividades menos valorizadas. O racismo institucional se mantém presente enquanto macroestratégia de deslegitimação de setores historicamente marginalizados.

O conjunto das Fig. 19, 20, 21, 22 e 23 apresenta mensagens de caráter mais lírico, com citações de músicas ("vida louca, vida breve") e frases em contexto com desenhos ("encontrar-se nas encruzilhadas"), próximo ao grafismo de diversas linhas bifurcadas feito com a mesma tinta guache). Percebemos que houve uma ampla diversidade nas cores de tinta.

O conjunto de grafismos a seguir apresentados na figura 23 foi composto por marcas em guache de mãos e pés com diferentes cores e organizações espaciais, compondo diferentes setores de "mosaicos" na parede. Eles ilustram bem como as temáticas, os motivos e as composições finais das intervenções foram as mais plurais possíveis, valendo-se de linguagens verbais e não verbais, simbólicas e artísticas.

O que se aprende com o que se vê (e que não se vê)

A partir da observação das intervenções gráficas mencionadas, pudemos concluir que a ocupação escrita da FAFICH possuiu teores diferentes conforme os andares e espaços, tratando-se de uma tentativa de questionamento ao sistema que se estende para além das reivindicações iniciais das ocupações (contra a PEC 55). Além de palavras de ordem comuns a todas as ocupações da UFMG ("Fora Temer"), também foram feitas pontuações acerca das relações existen-

tes no prédio, na Academia, antes mesmo do período político atual que acarretou nos movimentos de ocupação. Assim sendo, é possível observar paralelos não apenas espaciais, mas também temporais, que extrapolam o objetivo inicial das ocupações estudantis e que caracterizam o movimento como complexo e multifacetado, possuindo especificidades de acordo com cada microcontexto. A expressão gráfica dessa diversidade também ressalta relações hierárquicas tensas e pautas latentes na vida dos estudantes dentro e fora das ocupações. O pixo se constitui de maneira tradicional no prédio fazendo parte da estética do mesmo e sendo constantemente reprimido. Durante o período de ocupação, essa ação tradicional fez parte do cotidiano e alterou drasticamente a aparência do prédio mantendo vivo tanto os conflitos quanto o hábito do pixo.

A ocupação formal teve fim, mas seus resultados, seus resquícios e seus desdobramentos se fazem presentes no ambiente, deixando explícito àqueles que nele circularem, enquanto ainda estiverem à vista.

Durante a produção deste ensaio⁷, no entanto, as paredes foram repintadas. Todo o prédio foi novamente coberto por tinta branca, adicionando mais uma camada de silêncio. Voltamos ao pé da montanha. Cientes de que nosso trabalho funcionará como um registro, olhamos toda a branquitude como uma tela vazia à espreita das próximas intervenções. Esperando para observar de novo, as novas dinâmicas que surgiram da caminhada recomeçada. O registro é vivo e se movimenta, se reiventa; mesmo mutilado se reaviva. Desde a inauguração do prédio em 1990 até os dias atuais, o espaço tem guardado e perdido histórias de um sem número de ocupações. E assim continua.

Melhor do que nós mesmos, cremos que as próprias paredes de ontem podem concluir bem o que pensamos sobre o amanhã: Onde há poder, há resistência, e, não apenas nessa vez, mas também nas próximas que virão, ao menos na FAFICH, a ocupação será permanente.

Referências bibliográficas

- ARANTES, Antonio A. (2000), "Paisagens paulistanas: transformações do espaço público. Campinas: Ed. Unicamp.
- BRITO, Lucas G. (2016), "O Tempo é meu Outro: Uma reflexão sobre os usos do tempo no Estrutural-Funcionalismo." *Percursos*, 2, 1: páginas
- BUTLER, Judith. (2015), "Bodies in Alliance and the Politics of Street" in inserir nomes dos autores *Notes Toward a Performative Theory of Assembly*. Cambridge-Massachusetts. London-England, Harvard University Press.
- CARVALHO, Rodrigo A de. (2013), "Quando as Relações se Expressam nos Muros – Pixadores em Belo Horizonte, Pixações de Belo Horizonte". *Revista do núcleo de antropologia urbana da USP – Ponto Urbe*. São Paulo.
- GONZÁLEZ- RUIBAL, Alfredo. (2008), "Time to Destroy: an Archaeology of Supermodernity". *Current Anthropology*, vol. 49, 2, 2008.
- HORTA, Andrei I. (1997), "Pinturas Rupestres Urbanas: Uma Etnoarqueologia das Pichações Em Belo Horizonte". *Revista de Arqueologia*, 10:143-161.
- PEREIRA, Alexandre B. (2010), "As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo". *Lua Nova*, São Paulo, 79: 143-162.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. (2010), "Pode o subalterno falar?" Belo Horizonte: UFMG.
- TARGINO, Maria das Graças. (2000), "Comunicação Científica: uma revisão de seus elementos básicos". *Informação e Sociedade*, João Pessoa, 10, 2:1-7.